

## “EU NÃO SEI PROFESSORA”: A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO (NÃO) SABER ESCOLAR

Alzira Maria lima da Silva

Graduanda Pedagogia - UEPB/Campus I

[alziralima37@hotmail.com](mailto:alziralima37@hotmail.com)

Dr<sup>a</sup>Kelli Faustino do Nascimento( Orientadora) – UEPB/ Campus I

[kellieduarda@hotmail.com](mailto:kellieduarda@hotmail.com)

### Resumo:

Este estudo de caso surgiu do esforço em compreender por que é tão forte a concepção de problemas relacionados ao processo de aprendizagem escolar como algo individualizado, que se naturaliza sem que apareça o jogo de forças que produz a dificuldade, sendo esta dificuldade quase sempre consequência da reprodução da desigualdade que se dá dentro e fora do espaço escolar. O artigo ora apresentado faz parte de uma atividade prática da disciplina Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança ministrada no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba. O objetivo desse trabalho é apresentar um estudo de caso que foi realizado com uma criança de 10 anos de idade, que estuda o 5º ano e ainda não aprendeu a ler e escrever. Nossa reflexão de dar a luz de teóricos (as) como Machado (2011), Neves (2007), Vasconcellos (1999), Ferreiro & Teberosky(1984) entre outros. Os resultados desse estudo de caso, bem como a intervenção, têm contribuído para reflexão da importância do processo de subjetivação que é produzida no coletivo, no caso estudado, no cotidiano escolar, que vai implicar diretamente na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Como o nosso trabalho é pontual, fica como desafio o trabalho institucional, pois sabemos da necessidade de trabalhar não apenas com o aluno, mas com a escola como um todo, no sentido de desvendar o processo de individualização, fazendo aparecer ao coletivo escolar e social aquilo que é produzido coletivamente.

**Palavras-chave:** Estudo de caso. Criança. Escolar.



**Abstract:**

This case arose from the effort to understand why it is so hard to design problems related to the process of academic learning as something individualized, which is naturalized to appear without the play of forces that produces the difficulty, and this difficulty almost always a consequence of reproduction of inequality that takes place inside and outside school. The article presented here is part of a practical activity of the discipline of Child Development and Learning Pedagogy course given at the State University of Paraíba. The aim of this paper is to present a case study that was conducted with a 10-year-old, who studies the 5th year and has not yet learned to read and write. Our thinking about giving birth theoretical (as) as Machado (2011), Neves (2007), Vasconcellos (1999), Ferreiro & Teberosky (1984) among others. The results of this case study, as well as intervention, have contributed to reflection of the importance of the subjective process that is produced in the collective, in the case studied, at school, which will lead directly to learning and student development. As our work is timely, as is the challenge institutional work, because we know the need to work not only with students, but the school as a whole, in order to unravel the process of individuation, by displaying the school and social group what is collectively produced.

**Keywords:** Case study. Child. School.

## INTRODUÇÃO

Este estudo de caso surgiu do esforço em compreender por que é tão forte a concepção de problemas relacionados ao processo de aprendizagem escolar como algo individualizado, que se naturaliza sem que apareça o jogo de forças que produz a dificuldade, sendo esta dificuldade quase sempre consequência da reprodução da desigualdade que se dá dentro e fora do espaço escolar. O artigo ora apresentado faz parte de uma atividade prática da disciplina Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança ministrada no curso de Pedagogia da UEPB.

O objetivo desse trabalho é apresentar um estudo de caso que foi realizado com uma criança de 10 anos de idade, que estuda o 5º ano e ainda não aprendeu a ler e escrever. Consideramos que os estudos de caso possibilitam a interpretação a partir do contexto no qual a problemática ocorre na tentativa de retratar de forma completa e profunda o que foi visto pelo pesquisador.

A queixa escolar tem sido tema recorrente tanto dos professores, como de tantos outros profissionais que de forma direta ou indireta estão envolvidos com a educação escolar. São muitas as explicações que vão justificar o insucesso dos alunos, todas elas trazendo em si concepções que dão significados a queixa e conseqüentemente apontam para a forma de atuação frente a este fenômeno.

Como bem nos mostra Neves (2007), o insucesso escolar das crianças vem sendo considerado como fracasso escolar, distúrbios de aprendizagem, dificuldades de aprendizagem, etc. Trazendo diferenciações entre si, tais conceitos apontam quase sempre para construção de discursos que colocam a culpa nos sujeitos de forma individualizada, sejam eles os alunos e suas famílias ou os professores. No entanto, sabemos para entender e analisar a questão colocada sobre o insucesso escolar de

determinados alunos, se faz necessário considerar os diversos fatores que podem estar relacionados ao insucesso, tentando contextualizar e desnaturalizar aquilo que nos é apresentado como natural, procurando não individualizar aquilo que historicamente foi e continua sendo produzido.

## RELATO DA ATIVIDADE

Iniciamos nossa atividade a partir da observação em uma escola do município de Campina Grande-PB, situada numa área considerada vulnerável sócio e economicamente. Nossa primeira ação realizada na sala de aula da turma do quinto ano foi avaliação diagnóstica, com o objetivo de detectar suas necessidades e dificuldades para que pudéssemos desenvolver atividades significativas ao seu processo de aprendizagem, pois, como afirma Vasconcellos (1999, p.190), diagnosticar “é identificar os problemas relevantes da realidade, ou seja, aqueles que efetivamente precisam ser resolvidos para a melhoria da qualidade de vida da comunidade em questão. Um diagnóstico bem feito é meio caminho andado para uma boa programação.”

Por meio da observação identificamos como problema principal o déficit em relação ao domínio da leitura e da escrita. Para nossa surpresa em uma turma de 5º ano com trinta e dois alunos, oito não sabiam ler nem escrever e os vinte quatro escrevia e lia com muita dificuldade.

Depois dessa avaliação decidimos dar continuidade a um projeto de leitura já existente na escola, intitulado: “**Ler para conhecer e transformar**”, o mesmo foi iniciado na turma da EJA e ampliado para as turmas regulares, com objetivo de formar leitores autônomos. A metodologia para aplicação do projeto “Ler para conhecer e

transformar” constitui-se em atividades que privilegiam a interdisciplinaridade, uma vez que é considerados aspectos relacionados à língua portuguesa, a matemática, história, ciências e artes.

Ao longo do desenvolvimento do projeto há um acompanhamento individual a fim de detectar a carência do aluno em relação à leitura, buscando estimulá-lo na construção do seu próprio conhecimento. Esse projeto que estar sendo executado em turmas de 5º ano, não visa apenas o processo de alfabetização, visto que oito alunos ainda não são alfabetizados, mas também a possibilidade de inserção e participação ativa de alunos na cultura da leitura e da escrita, na produção e compreensão de diferentes gêneros textuais.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavras. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69-70)

O projeto Ler para Conhecer vem sendo desenvolvido na escola na qual nos propomos a desenvolver este estudo, há sete meses, com a realização de atividades duas vezes na semana. Observamos que os objetivos traçados através desse projeto estão sendo alcançados, pois dos 24 alunos que liam com dificuldade passaram a ler mais e dos oito que não sabiam ler e escrever apenas **um** ainda não conseguiu. Esse fato chamou a nossa atenção e despertou o interesse em desenvolver este estudo de caso.

Por questão ética, foi resguardado o verdadeiro nome da criança, de forma fictícia passamos a chamá-la João. Ele tem 10 anos de idade, sente vergonha por que não reconhecer as letras e por este motivo seus colegas de classe ficam rindo dele e fazendo com que ele se torne excluído dentro da sua sala. Quase não fala e apresenta dificuldades em interagir com os colegas. Apresenta insegurança em realizar ou até mesmo falar aquilo que sabe, como por exemplo, dizer o seu próprio nome.

Compreendendo que o estudo de caso procura representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes em uma dada situação social, procuramos na situação observada investigar as possíveis causas desse aluno apresentar essa dificuldade tão grande de aprender. Pesquisamos o histórico escolar de João e descobrimos que o mesmo estudava nessa escola há cinco anos. Indagamos, então, como seria possível uma criança passar cinco anos em uma escola e não saber escrever nem seu próprio nome? Conversamos com a professora e psicóloga da escola e elas justificaram afirmando que “*esse aluno não colabora e que não tem interesse em aprender*”.

Percebemos então, que o discurso dominante na explicação desse caso do insucesso escolar de João, está embasado numa concepção que segundo Machado (2011), faz parte de um processo de individualização no corpo do sujeito daquilo que é de ordem do social. Dessa forma, conferimos ao outro um atributo, como no caso de João (*não colabora, não tem interesse*), como se houvesse uma intencionalidade em seus atos, de forma individual e passamos a pensar e a agir de maneira a nos colocarmos de fora dessas produções, como também deixamos de contemplar questões sociais, políticas e econômicas que devem ser consideradas ao se analisar o sucesso ou fracasso escolar de qualquer aluno.

Os estudos e observações realizadas vêm nos mostrando que por vezes, a própria escola acaba excluindo quem não se encaixa no padrão determinado socialmente, que a

mesma acaba limitando a possibilidade de criação, produção e a afirmação das crianças. Deixando assim que o medo, o constrangimento e sensação de incapacidade reinem na vida de muitos alunos, como ocorre no caso específico do caso de João aqui apresentado.

Percebemos que essa criança dentro da sala de aula não interagia com medo e com vergonha de errar e os colegas riram como já era de costume, o que acabou sendo “normal” ou naturalizado, tanto para ele e seus colegas de sala, como para professora, ficando assim impedido de pensar e produzir dentro da sala de aula.

Outro fator que destacamos na vida escolar dessa criança é o “ranço” do não sei que ele traz em sua vida, tem muitas coisas que ele sabe, mas quando perguntado a exemplo de qual o seu nome completo, ele diz “não sei”, embora venha sendo trabalhado com ele durante alguns meses, dois dias na semana seu nome e sobrenome. Como ele nos *diz não sei*, percebemos que ele sabe, mas o processo de subjetivação ao qual vem sendo submetido, o coloca nessa posição do não saber. Tal processo de subjstivação constitui existência, que se manifesta em maneiras de pensar, ser e agir. No caso estudado, foi possível observar que foram atribuídas a João significações que impedem a variação, ou seja, ele é aquele que não sabe, pois não domina a escrita e a leitura, como se sua totalidade enquanto ser estivesse presa a este fato, não havendo outras possibilidades, outras formas de ser e existir no contexto escolar.

Durante os atendimentos que realizamos com João, de forma individual, aconteceu que algumas vezes a professora titular da sala de aula, chegou até nós e fez na presença da criança comparações com outros colegas, sempre dizendo que esse “*menino não se desenvolve por que não se interessa*”. Mas temos percebido que ao contrário da afirmação da professora, há um esforço do aluno para aprender, mesmo diante da insegurança e da desconfiança que tem de que não é capaz, de que não aprende.



Refletindo sobre o papel do professor no processo de aprendizagem, achamos pertinente a afirmação de Weffort (1995, p.19) ao reforça que

O papel do educador é vital como mediador, como “fazedor” de boas perguntas que instiguem o olhar curioso. Também como criador de vínculos e de um clima pedagógico que permita a expressão também estereotipada, superando o medo do aluno de “falar bobagem”, organizando a subjetividade individual como ampliadora do conhecimento que se constrói no grupo, que se constrói no confronto com o outro que faz descobrir o que se sabe e o que ainda não sabe.

Por vezes percebemos certa tristeza nos olhos de João, ele evita olhar nos nossos olhos. Fisicamente é pequeno e magro, tem pele negra. Seu pai mora em outro estado a mãe faz faxinas, tem oito irmãos. Nas sextas-feiras quase sempre falta aula, pois vai ajudar a sua mãe nas faxinas. Numa técnica de dinâmica na qual se tinha a árvore dos sonhos, ele revelou que seu sonho era aprender a ler e escrever, nos revelou isso chorando, falamos que iríamos ajudá-lo, na medida do possível, a realizar esse sonho.

O nosso trabalho com esse aluno tem ajudado a construir reflexões sobre qual tem sido a nossa compreensão do campo histórico, político e social, que tem produzido situações como essas vivenciadas por João, que de forma direta e indireta contribui para a construção de culpas individuais do processo de dificuldades no campo da aprendizagem e desenvolvimento escolar, sem considerar as multiplicidades que estão envolvidas nesse processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciar o trabalho realizamos uma avaliação da escrita desse aluno e constatamos que ele estava no nível pré-silábico. Atualmente, nesse mês de outubro ele já se encontra no silábico alfabético. A teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro & Teberosky (1984), que estamos estudando vem sendo um norte para atuação como alfabetizadora desse aluno, no entanto, consideramos que a teoria não pode ser



considerada como uma receita de bolo, que basta aplicar e dará certo ou errado, mas ela nos possibilita compreender em que nível de escrita o aluno se encontra e refletir quais os meios que podemos buscar para ajudar no processo de desenvolvimento da alfabetização.

Os resultados desse trabalho de estudo de caso, bem como a intervenção, têm contribuído para reflexão da importância do processo de subjetivação que é produzida no coletivo, no caso estudado, no cotidiano escolar, que vai implicar diretamente na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Como o nosso trabalho é pontual, fica como desafio o trabalho institucional, pois sabemos da necessidade de trabalhar não apenas com o aluno, mas com a escola como um todo, no sentido de desvendar o processo de individualização, fazendo aparecer ao coletivo escolar e social aquilo que é produzido coletivamente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Pró-Letramento:** Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – ed. rev. e ampl. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 364 p.

FERREIRO, Emilia& TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.**Porto Alegre. Artes Médicas, 1984.

MACHADO, Adriana Marcondes. Psicologia, trabalho institucional e medicalização: perigos e apostas. In: AZZI, Roberta Gurgel, GIANFALDONI, Mônica H. Tieppo. **Psicologia e Educação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

NEVES, Marisa Maria B. Justa. Formação inicial em psicologia escolar: questões apontadas por alunos de graduação. In: CAMPOS, Herculano R. (Org.) **Formação em Psicologia Escolar: Realidades e perspectivas.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 5 ed. São Paulo: Libertad, 1999

WEFFORT, Madalena F. Educando o olhar da observação. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Observação - Registro - Reflexão:** instrumentos metodológicos. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995.